UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PRÓ-REITORIA DE CULTURA

PALCO

JUIZ DE FORA, JULHO. 2011. ANO II. Nº 19

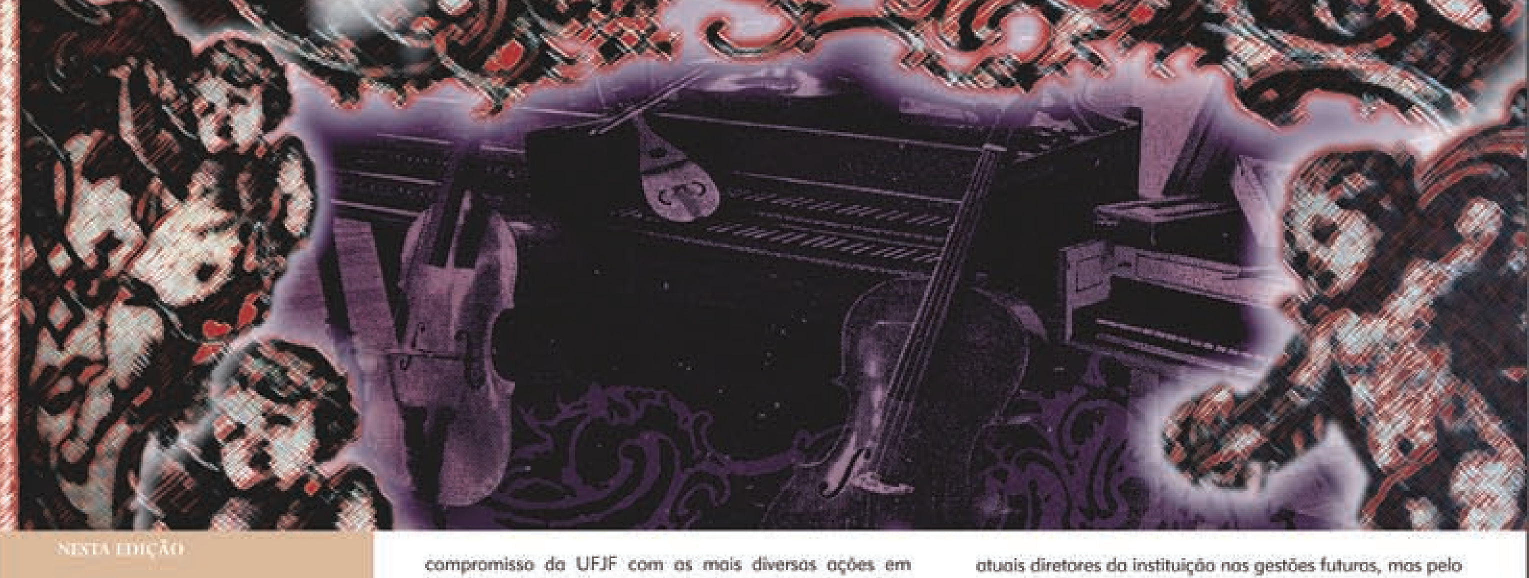
PRÓ-MÚSICA CAMINHOS TRANSPOSTOS

Comprometimento. Esse é o melhor termo para identificar um dos mais importantes empreendimentos culturais que a terra de Pedro Nava e Murilo Mendes vivenciou. Foram os 40 anos de comprometimento social do Centro Cultural Pró-Música que levaram a Universidade Federal de Juiz de Fora a aceitar a proposta de incorporação de seus dirigentes. Foi também o compromisso da UFJF no campo das artes que norteou a decisão daquele Centro Cultural de doar toda a sua riqueza material e imaterial à Universidade, que, a partir de agora, a integra ao seu patrimônio.

Oficializada pelo reitor Henrique Duque de Miranda Chaves Filho em cerimônia de assinatura do termo de incorporação *(leia matéria na pág. 6)*, a integração é fruto do contribuição na divulgação mundial da cultura brasileira.

Com 40 anos de dedicação também ao ensino, o Pró-Música mantém uma série de atividades de extensão musical que inclui, além do Festival, orquestras, coral e escolas de música. Compõem ainda a doação à UFJF o teatro, a galeria de arte e uma série de instrumentos musicais que passam à administração da Pró-reitoria de Cultura.

A incorporação garante ao Pró-Música o título de órgão suplementar da Reitoria, assim como o Cine-Theatro Central, o Museu de Arte Murilo Mendes e o Coral Universitário. A 22ª edição do Festival será patrocinada pela UFJF, que assume a realização do evento a partir de 2012. Com a união, está assegurada a continuidade dos projetos que o Pró-Música administra, não somente pela participação dos



NESTA EDIÇÃO

LEMBRANÇAS
O TRABALHO PELA MÚSICA

SEMINÁRIO
RETRATOS-RELÂMPAGO

DIÁLOGOS ABERTOS
A TRAJETÓRIA DE CARLOS BRACHER

EXPOSIÇÃO
DE MURILO AO TWITTER

JORGE GUINLE
AS CORES DO ARTISTA

MEMÓRIA
MOVIMENTO ESTUDANTIL

INVESTIMENTO
CENTRAL EM REFORMA

FESTIVAL
MUSICALIDADE EM 22 EDIÇÕES

INCORPORAÇÃO
CENTRO CULTURAL PRÓ-MÚSICA

compromisso da UFJF com as mais diversas ações em benefício da arte. A proposta de doação, sem ônus, feita ainda em 2008 por seus dirigentes Maria Isabel e Hermínio de Sousa Santos, foi trabalhada nos últimos anos pela Pró-reitoria de Cultura junto ao Pró-Música, tendo sido legitimada pelo Conselho Superior da Universidade. "Ao longo de suas existências, UFJF e Centro Cultural Pró-Música construíram diversas parcerias e, agora que a Universidade acaba de completar 50 anos, resolveram investir na mais audaciosa parceria jamais sonhada pelas duas. Resolveram se unir, de maneira cabal e definitiva, em prol da cultura e da arte", considerou o reitor Henrique Duque.

Fundado em 1971, o Pró-Música é uma instituição sem finalidade lucrativa criada para privilegiar e difundir a música erudita a todos os públicos. Com anseios de conduzir a produção juiz-forana ao cenário da música brasileira, o Centro Cultural – ao lado de seus primeiros diretores artísticos, Arnaldo Estrella e Mairuccia Iaccovino Estrella – promovia um concerto mensal com convidados de alto nível e já ensaiava seu bem maior, o Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga.

"Hoje o Centro Cultural Pró-Música fecha um ciclo de constantes e ininterruptos trabalhos na área da cultura e da educação, na formação de público e de músicos com importantes benefícios sociais para a cidade de Juiz de Fora", concordam Maria Isabel, Hermínio e Júlio César de Sousa Santos, diretores da instituição. Este mesmo ciclo foi marcado pelo compromisso de grandes realizações em torno das artes, coroado em 2002, quando o Pró-Música recebeu a Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura por sua

atuais diretores da instituição nas gestões futuras, mas pelo reconhecimento do trabalho efetuado até este momento histórico.

DIÁLOGO

Patrona de grandes e importantes espaços culturais da cidade, a UFJF, em consonância com as mais diversas manifestações de arte, criou a Pró-reitoria de Cultura e mantém o Instituto de Artes e Design, que compreende ainda o recente curso de Música. Ações simultâneas no campo musical indicam que ambas as instituições trabalham para a harmonização dos interesses e a integração de seus trabalhos com toda a comunidade. "Esta incorporação, união de valores e sucesso consolidados, constitui-se num diálogo constante entre a UFJF e a sociedade pela voz da cultura", afirma o pró-reitor de Cultura, José Alberto Pinho Neves.

O jornalista Wilson Cid ressalta o significado da transferência: "Fica patente o reconhecimento da instituição federal a um empreendimento cultural, cuja importância não tem similar na história da cidade. É, pois, uma grande herança, e creio que são devidos cumprimentos ao reitor Henrique Duque, que preside a tão importante transição." Já o prefeito de Ouro Preto e membro da Academia Mineira de Letras, Ângelo Oswaldo, considera que as ações do Pró-Música ilustram por si próprias a dimensão acadêmica do Centro Cultural. "Ao incorporar-se à UFJF, o Pró-Música vem consagrar, assim, o que era vocação e destino, uma prática superior e uma meta incontornável."

Gabriel Miranda

LEMBRANÇAS A CONQUISTA DA MÚSICA

O CD com a gravação da Orquestra e do Coral do III Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga, que trouxe o *Credo* e a *Missa em Mi Bemol Maior*, de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, estabeleceu meu primeiro contato direto com a produção do Pró-Música.

Não me cansava de ouvir. Levei o CD para uma solenidade na Igreja de Santo Antônio das Garças Brancas, em Glaura, distrito de Ouro Preto, onde meu pai foi batizado e era o homenageado. A Missa solene – celebrada à noite por D. Luciano Mendes de Almeida – apresentou também o Coral e a Orquestra do Pró-Música como parte da liturgia.

Depois, ao lado de Bach, Handel, Mozart, Haydn e Rebel, os festivais foram nos apresentando obras como as de Padre José Maurício Nunes Garcia, André da Silva Gomes, Francesco Durante, Florêncio José Ferreira Coutinho, Padre João de Deus de Castro Lobo, Jerônimo de Souza e Lobo de Mesquita, em diversas ocasiões.

O ministro Murílio Hingel, de quem fui chefe de gabinete de 1992 a 1994, possibilitou-me conhecer Hermínio, Júlio e Maria Isabel Santos, fundadores do grupo. Logo descobri, por intermédio de Lucy Brandão, outros admiradores do Centro Cultural Pró-Música, como Marco Antônio Dias Pontes, Geraldo Lúcio Melo, José Teixeira, José Eustáquio de Freitas, Eustáquio Romão, Manuel Bandeira, Maura Durante, Antônio José Barbosa, Maria Andréa Loyola, Maria José Feres e todos os que frequentam Juiz de Fora: ninguém desconhece o trabalho profícuo desses abnegados, determinados, desses sonhadores Hermínio e Isabel.

O resultado de tamanha contribuição ao desenvolvimento cultural do país é o acolhimento do Centro Cultural Pró-Música pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Uma consequência natural, como foi a criação do Centro de Estudos Murilo Mendes, hoje Museu de Arte Murilo Mendes. É a garantia da conservação do imenso acervo já conquistado e da continuação do trabalho de educação musical que resulta da atuação do Pró-Música.

Por último, mas não menos importante, quero destacar a relevância da iniciativa da Universidade Federal de Juiz de Fora em valorizar a cultura em seu plano de desenvolvimento institucional. Assim como outras universidades que tinham grande potencial, mas desenvolviam poucas atividades no campo da cultura, vemos hoje – e é justo reconhecer – o pioneirismo da UFJF. É nessa direção, o da expansão com qualidade do ensino, que iremos alcançar os objetivos postos em 2007 no Programa de Desenvolvimento da Educação (PDE), auxiliados pelos cinco princípios norteadores da política cultural adotados pela Pró-reitoria de Cultura da UFJF que abrangem: o incentivo à produção cultural; a memória da cultura; a arte-educação, formação e cidadania; a dinamização dos espaços culturais; e a construção da imagem da Universidade.

Carlos Alberto Ribeiro De Xavier
Assessor do Ministério da Educação

SEMINÁRIO MURILO PLURAL

Murilo Mendes se apresenta em várias faces. Sua obra é marcada pela pluralidade ao se descrever e ao se posicionar diante da vida. Um retrato desse homem peculiar, que não se deixa revelar num só rosto, mas se apresenta de forma poliédrica, foi o principal objetivo do seminário *Retratos-relâmpago*, que tomou emprestado o nome de uma das obras do poeta com a finalidade de propagar e pensar a obra do artista juiz-forano.

A memória do poeta sempre está em pauta nas atividades no Museu de Arte Murilo Mendes. Realizado nos dias 24 e 25 de maio, *Retratos-relâmpago* reuniu estudiosos que, relacionados com Murilo Mendes, enriquecem e auxiliam na compreensão e na contextualização do meio em que o poeta vivia e construía sua obra. Desta forma, entender Murilo se torna algo rico, diversificado e surpreendente. As palavras do poeta se mostram portadoras de sentidos que ainda não se revelaram, tornando-se temas de novas problemáticas, um convite à reflexão e ao estudo da literatura muriliana.

A arte-educadora Sandra Sato, do MAMM, ressalta que as pessoas geniais são contemporâneas: "O bom trabalho não envelhece", avalia. O seminário foi um convite para se compartilhar o conhecimento e as pesquisas que surgem do estudo sobre a genialidade e a contemporaneidade de Murilo Mendes.

A relação estreita de Murilo com outros artistas e com as outras formas de arte torna rica a composição de seus livros e poemas, marcados pela intertextualidade e pelo intercâmbio com outras culturas. A multiplicidade da obra muriliana o torna plural também quando representado por outros artistas. A diversidade de Murilo Mendes não fica restrita à construção de sua autoimagem, mas se expande quando composta por seus colegas, que o representam cada um à sua maneira, como determinam as técnicas da arte que dominam, obedientes apenas à sua liberdade de criação e à sua imaginação.

ENCONTROS

A escultora e escritora brasileira Maria Martins, o escritor e filósofo francês Albert Camus e o poeta espanhol Miguel Hernandez tiveram suas obras mencionadas durante o seminário, que fazia a conexão entre a produção destes artistas com o que escreveu Murilo Mendes. Comunicações científicas sobre a vida e a obra do poeta também foram apresentadas. Nos dois dias em que foi realizado, o evento pôde identificar aspectos importantes dos escritos de Murilo, como a memória, entre outras características. Nas palavras do professor Fernando Fabio Fiorese Furtado, "a conjunção de opostos é fundamental na obra de Murilo".

Entre os pesquisadores presentes, professores da USP, PUC-RIO, UNICAMP e CES/JF endossaram o grupo da UFJF, que se debruçou sobre as linhas bem traçadas do mineiro que não se deixa revelar facilmente. O coordenador do seminário e doutor em literatura, Darlan Lula, acredita que o evento cumpre com os preceitos do MAMM em propagar a obra do poeta e apresenta possibilidades de explorar um Murilo autorretratado que se apresenta, cada vez mais, um escritor multifacetado. "Uma das contribuições essenciais que podemos difundir nesta investigação da obra de Murilo Mendes no seminário é a de que os seus *Retratos-relâmpago* dizem muito de sua formação literária".

BR

CARLOS BRACHER

Reconhecido no Brasil e no exterior como um artista vigoroso, que transpõe para a tela os movimentos da vida, Carlos Bracher define sua trajetória como fruto de uma constante, a generosidade. Nascido em Juiz de Fora em dezembro de 1940, em uma família que há gerações se dedica às artes e à música, Carlos Bracher foi o 36º convidado do Diálogos Abertos, em 23 de junho de 2010, prestando um dos mais emocionantes depoimentos já feitos ao projeto, com um testemunho vívido e poético de sua trajetória artística e pessoal, marcado pela mesma entrega que caracteriza a força de sua arte. Confira a seguir trechos do depoimento do pintor.

FAMÍLIA

Isso é tudo na minha vida. Tudo. Eu não tenho mais nada a dizer do que essa palavra, que eu pudesse exprimir, como a essencialidade do que sou: um produto familiar, absolutamente familiar. Familiar e grupal. [...] Tudo veio com a presença afetiva daquele pessoal, que é o meu pessoal. Isso me parece o caudal superior de uma coisa que se manifestou para sempre. Quem teve a oportunidade de conviver mais intimamente com meus parentes, sabe disso. Uma riqueza humana muito grande, simples e generosa. Nem sei como, de que maneira, as coisas eram assim: firmemente generosas, como uma espécie de graça, um algo, talvez, da Providência. Tudo acontecia com imensa generosidade, e como transposição para todos os que ali habitassem, não só os da própria casa, os filhos, mas os amigos, que eram tantos; na Rua Bernardo Mascarenhas e no Castelinho.

JUIZ DE FORA

Juiz de Fora é a minha vida. Eu saí, mas aqui é a minha vida. Juiz de Fora é o lado mais importante do que sou. Não tem terra maior que essa. Nunca vi nada melhor do que essa cidade. Tudo o que sei e o que não sei, aprendi aqui. Tudo mesmo. [...] Continuo juiz-forano, por tudo isso, porque meus aprendizados certeiros e profundos foram aqui. E, aqui, ainda se encontram as minhas reais bases de viver, os meus grandes sonhos, os meus grandes sentidos. Em Ouro Preto, vivi mais tempo do que aqui, pelo menos fisicamente. Ouro Preto tem sido outra face de um grande amor. Mas não como Juiz de Fora. É diferente.

SOCIEDADE DE BELAS ARTES ANTÔNIO PARREIRAS

Éramos uma família. Ali era uma extensão. Éramos irmãos, tornamo-nos irmãos, todos. Éramos, assim, a mesma coisa... Não havia nenhuma discrepância, nada. Era tão bonito, tão harmônico e tão forte, com artistas brilhantes e gloriosos: Dnar Rocha, Roberto Gil, Renato Stehling, Wandyr Ramos, Ruy Merheb, Reydner, Jaime Soares. Meu Deus! Roberto Vieira, na sequência. Grandes artistas, todos eles. Meus irmãos Décio, Nívea, Celina, enfim... Turma maravilhosa! Depois veio Arlindo Daibert, outra turma. Parece que éramos um só pintor. Éramos tão integrados que éramos a mesma coisa. Como não tivemos professor, isso facilitou muito. Não havia ninguém maior e nem menor, éramos exatamente iguais.

CRIAÇÃO

[...] É uma carga, como se fosse um grito, um berro. Isso vem forte e tem que ser dito naquela hora, porque senão esfria e, no meu caso, - atenção ao que vou falar -, são coisas psicológicas e psíquicas, evidentemente. São coisas, controles e descontroles psíquicos. É um transe mesmo, mas não um transe religioso. [...] É uma coisa artística, puramente artística. Pode até se parecer com coisas divinas, que, no fundo, tudo é meio divino... É tudo muito próximo. Não tem delimitações muito claras entre esses estados, por isso são estados grandiosos, lindíssimos, profundos e veneráveis. Essas coisas brotam com uma força, como uma coisa, uma sensação, um advento. É como uma punhalada na alma de alumbrar, de fazer acontecer. É certa coisa que se torna indômita e que fica claramente "presenciável". Ela vem pronta. A pincelada traduz essa sucção como advento que vem de dentro. É uma coisa claríssima. É matemática sem ser nada matemática. É uma coisa misteriosa.

PINTAR

Eu sou muito angustiado para pintar e tem que ser assim. Se eu mudar, enfraquece. Imediatamente, fica inválido o meu processo. E tem que ser rancoroso. Rancoroso não é a palavra, é raivoso, gestual, inervado. Tudo vem possuído de uma nervosidade que é inerente. A pincelada e a cor vêm exatamente no lugar, na qualidade e na quantidade certa. E não sei nada de cor. Atenção, quero dizer isso: não sei nada de cor, e nem quero saber. Saber cor, para mim, é um desastre. Tenho que entendê-la emocionalmente. É uma transposição emocional da minha sensação física e espiritual, de compreender a sensação pictórica, [...] da cor como validade humana, espectral, verdadeira. E intrínseca, do que a cor pode produzir na alma humana.

ENIGMA

Não quero me conhecer através da pintura. Quero me desconhecer através da pintura, porque, se eu me conheço, me invalido como tal. O conhecer a pintura, para mim, é um desastre. É um autodesastre. Estou dizendo dos meus melhores quadros, como uma escala de percepção dos meus melhores quadros. São sempre assim, uma dissolução do que sei. Eles são, no fundo, um enigma do que sou. São o próprio enigma de mim.

GALERIA CELINA

Começou assim, muito simples, meio precário... Mas éramos comprometidos com arte, cultura, destinos e ideais e, imediatamente, aquilo virou um centro cultural. Na verdade, não foi pensado para ser assim; mas criou-se a coisa de ser ali um pouco da nossa casa, associando-se ao que era a nossa casa, que era um pouco parte dessas pessoas que viviam entre nós, o pessoal da Antônio Parreiras e de outros grupos, de outras funções, etc. Então, ali, articulamos. Éramos todos muito jovens e o papai, que era um caro doidão, topou. Bancou aquilo [...]. O bom era que a própria galeria não tinha uma direção. Ninguém mandava lá e todos mandavam ao mesmo tempo. Foi uma coisa muito desarticulada e isso foi fantástico. É uma coisa que foi surgindo e crescendo por si própria. Foi acontecendo, as pessoas foram vindo, foram entendendo que ali tinha coisa boa. E tinha mesmo, porque a gente não era brincadeira não. [...] Fizemos exposições com originais de Joan Miró, Pablo Picasso, Giorgio Morandi, Piet Mandrian, era uma confusão. Tinha espetáculos de teatro de vanguarda, vanguarda mesmo.

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO

Acho este o grande artista brasileiro, o grande poeta deste país. Um homem praticamente sem letras, "irrazoável" sobre muitos sentidos, mal entrou em alguma escola, mas tinha aquela coisa telúrica na sua alma sergipana. Só podia ser um brasileiro, com aquela força tão tremenda. Só podia ser um brasileiro ou um africano, que o era, evidentemente. Essa força sincrética, atávica, monumental, que se torna num só homem, e ele realiza uma obra como só ele poderia. Nenhum outro poderia fazer. No mundo inteiro, nenhum outro será grande como Arthur Bispo do Rosário.

O Diálogos Abertos é um projeto de resgate, registro e preservação da memória sociocultural de Juiz de Fora, através de depoimentos de personalidades relevantes. É realizado pela Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora no Museu de Arte Murilo Mendes.

#ReLet, Murilograma para Manuel Bandeira, 2010.

EXPOSIÇÃO MURILO EM 140 CARACTERES

Em cartaz no MAMM desde maio, a exposição *Convergências Poéticas: De Murilo Mendes ao Twitter* já surpreendeu muita gente. A mostra de arte interativa móvel é a primeira do gênero na cidade e foi idealizada pelo artista multimídia e pesquisador Renato Bressan. O projeto, contemplado pela Lei Murilo Mendes, faz uma (re)leitura do livro *Convergência*, do poeta Murilo Mendes.

Expostos na Galeria Retratos-relâmpago estão 40 QR Codes (códigos bidimensionais que armazenam informações textuais e podem direcionar os usuários a conteúdos *on-line*) feitos por Bressan. Quando lidos por um aplicativo de celular, apresentam fragmentos da publicação de Murilo recombinados por outro software, o #ReLet, também desenvolvido pelo artista. Para a leitura dos códigos, é preciso um telefone celular com câmera, capaz de baixar e "rodar" o aplicativo para dispositivos móveis. Para facilitar a visita, há um celular disponível com as monitoras que acompanham o público. Feita a leitura, o aplicativo mostra o texto "escondido" na imagem.

Além de interagir com os QR Codes, o visitante também pode criar o seu próprio código através do computador e do programa #ReLet. Usando frases do livro *Convergência*, de Murilo Mendes, o computador gera diversas combinações que podem ser postadas no Twitter (é possível conferir algumas das criações na conta @murilograma no microblog).

CONVERSA DIGITAL

A interação do público com *Convergências Poéticas* já reúne histórias engraçadas, como uma pessoa que ficou contemplando os QR Codes. "O público é muito diverso. Tem gente que entra aqui querendo ouvir tudo sobre a exposição e discutir, outros que já vêm atrás do celular. As pessoas sempre se surpreendem quando explicamos o porquê de usar o livro, o porquê da exposição e também [se surpreendem] com o pensamento de Murilo", conta Ludimilla Fonseca, uma das monitoras e assistente de produção e comunicação. "Os jovens já pedem o aplicativo para o celular, tiram fotos da exposição e na exposição. Os idosos têm certa dificuldade, mas fiquei surpresa com um grupo deles, em que todos queriam pegar o celular e ler os códigos."

O idealizador do projeto, Renato Bressan, destaca o diálogo entre *Convergências Poéticas* e a exposição *Retratos de Murilo*, que ocupa a Galeria Convergência no MAMM. "O diálogo que está sendo feito com a exposição *Retratos de Murilo* é muito interessante. Lá, o foco é o Murilo no olhar do outro; aqui é Murilo apontando tendências." Sobre *Convergências Poéticas*, Bressan comenta: "É uma exposição que diz 'entrem com celulares'. É o contrário do que as pessoas estão acostumadas dentro dos museus. O projeto é uma grande convergência, porque estou trazendo a experiência que Murilo teve na prática, mas também um pouco do meu cotidiano, pegando o que ele tinha de contemporâneo, naquela época, e aquilo que usamos hoje".

Convergências Poéticas também têm um perfil no Facebook e um aplicativo que reúne citações de Murilo, o *Murilogame*. A exposição fica em cartaz até o dia 24 de julho.

LB

JORGE GUINLE ENTRE O DOMÍNIO E O MISTÉRIO

Diz o senso comum que, para rejeitar algo, é preciso conhecê-lo. No universo da arte, tal premissa faz todo sentido, visto que, para recusar a técnica, é necessário ter domínio sobre ela. A exposição *Os mistérios da paleta*, de Jorge Guinle, em cartaz até o fim de julho no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), revela o controle de um artista sobre sua criação. "O Jorge era um excelente desenhista. O traço dele era certeiro, não havia dúvida. Era só certeza", avalia o fotógrafo Marco Rodrigues, responsável pelo acervo do artista e seu companheiro durante 18 anos.

Expoente de uma geração prolífica na arte brasileira, Guinle nasceu em 1947 e viveu num trânsito constante entre Rio de Janeiro, São Paulo, Paris, Londres e Nova York. A mesma inquietação o levou a referências diversas, do clássico de Matisse ao pop de Warhol, passando pela *action painting* de Pollock. Entre o moderno e o contemporâneo, construiu as verdades de uma obra que propõe o resgate de questões tidas como desgastadas no universo da pintura e do desenho. De acordo com o crítico Roberto Pontual, em texto para o livro *Entre dois séculos: arte brasileira do século XX na coleção Gilberto Chateaubriand*, o artista "não desconstrói, por impulso inominado, mas, ao contrário, problematiza a pintura no próprio ato de pintar".

O discurso, resultante do constante estudo da arte, contribuiu para que Jorge Guinle fosse considerado um dos principais incentivadores da mostra *Como vai você, geração 80?*, apresentada em 1984 na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. A exposição, tida como um marco na arte contemporânea nacional, tanto por apontar tendências, quanto por mapear a produção da época, reuniu artistas de múltiplas formações e linguagens, como Leda Catunda, Beatriz Milhazes, Cildo Meirelles, Gonçalo Ivo, Leonilson, Nelson Félix e Daniel Senise, nomes expressivos no cenário atual.

Concebida no desejo de identificar outras expressões do país, a mostra serviu para uma nova reflexão sobre o papel da pintura, que, naquele momento, se libertava dos parâmetros racionais, então conceituais, da década anterior e mergulhava em aspectos experimentais, num comprometimento restrito à liberdade criativa. "Na medida em que não estão preocupados com o futuro, investem no presente, no prazer, nos materiais precários, realizam obras que não querem a eternidade dos museus nem a glória póstuma", analisa o crítico Frederico Morais no texto *Anos 80: a pintura resiste*, presente no livro *Pintura no Brasil*.

ESTILOS DISTINTOS

Os desenhos e as pinturas de *Os mistérios da paleta*, feitos em diferentes suportes, confirmam o valor de "novo informalismo", sugerido por estudiosos aos artistas da exposição de 80. Os esboços de figuras desconcertantes, entregues à caneta hidrográfica de Guinle; a pincelada borrada, como que num desejo de ver surgir o belo a partir de um movimento despretensioso; e o traço seguro do grafite, na confiança da criação de imagens em constante construção, demonstram a liberdade de um artista cuja relação com sua paleta era algo essencial e completamente visceral. Observadas atentamente, todas descortinam o inexorável na criação artística. "A emoção que sinto quando a tela está pronta é muito forte. É uma emoção incrível e que nunca confessei. Uma emoção total, de harmonia com o mundo, de felicidade", escreveu o artista em um de seus inúmeros registros.

MM

Jorge Guinle, s/título, 1981, óleo s/ papel.

MEMÓRIA CORAÇÃO DE ESTUDANTE

"Esse é tempo de partido, tempo de homens partidos", assim Carlos Drummond de Andrade inicia o poema *Nosso Tempo*, que, publicado em 1945, serve como reflexão para as transformações vividas pelo movimento estudantil ao longo dos últimos 40 anos. Mudanças que acompanharam toda a reforma política e social do país, contribuindo ativamente para a redemocratização e a reestruturação partidária.

Fundada em 1960 como universidade federal, reunindo as faculdades Direito, Engenharia, Farmácia, Medicina e Odontologia, a UFJF criou seu Diretório Central dos Estudantes apenas em 1961, como unificação dos diretórios acadêmicos, então segmentados por curso. Contudo, a luta pela qualidade e pelo fortalecimento da instituição é impactada pelo golpe militar, três anos depois. De acordo com a pesquisadora do movimento estudantil Gislene de Lacerda, "há um silenciamento dos movimentos sociais durante a ditadura" gerado tanto pela Lei Suplicy Lacerda, de 1965, quanto pelo Decreto-lei nº 477, de 1969, que consideravam ilegais e subversivos quaisquer movimentos opositores ao regime.

Secretário de Cultura do DCE em 1968, Gilvan Procópio, atualmente professor da Faculdade de Letras, relembra que o "ano que não terminou" foi um marco mobilizatório no país e no mundo, principalmente entre estudantes. "Ocupamos a Reitoria, hoje Museu de Arte Murilo Mendes. A polícia militar cercou todo o prédio munida de fuzis e tudo. Éramos cerca de 300 pessoas protestando contra a morte do Edson Luís" (estudante morto em confronto no Restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro).

Em *Memórias de esquerda: O movimento estudantil em Juiz de Fora de 1974 a 1985*, Gislene de Lacerda mostra como o movimento só é retomado em 1974, num processo lento que segue até 1979, quando UEE e UNE conquistam espaço na batalha pela redemocratização do Brasil. "Nesse momento, o DCE retoma suas atividades e contribui para o erguimento das esquerdas políticas. Quem começa o processo por democracia é o movimento dos estudantes", defende a pesquisadora.

UM NOVO TEMPO

Anteriormente polarizada, a esquerda inicia, no fim da década de 70, sua fragmentação, apontada já pelas eleições do DCE, com a disputa de três diferentes segmentos esquerdistas. As diversas tendências desses movimentos no Brasil tinham seus representantes entre os estudantes de Juiz de Fora, o que confirma o poder e a importância do diretório na cidade e no país.

Tamanha relevância era justificada por diversas ações, como reivindicações por melhorias no Restaurante Universitário e no transporte para o Campus ou por soluções para outros problemas vividos pelos estudantes. Tudo tinha como pano de fundo a oposição ao regime totalitário. "Na faculdade, naquele contexto político, a militância contra a ditadura era quase uma obrigação. Havia um grande debate ideológico e uma grande vontade de acertar a prática pelo estudo teórico", aponta o vereador Flávio Cheker, diretor do DCE em 1979.

O ambiente utópico, mesmo ao produzir arte, fazia política. Em Juiz de Fora, o DCE promovia concursos literários e palestras colaborando na produção de folhetins, como as históricas *Poezia*, *Bar Brazil* e *D'Lira*, cujas impressões foram possíveis a partir da compra de uma gráfica pelo diretório. Escritores hoje reconhecidos nacional e internacionalmente, como Luiz Ruffato, Edimilson de Almeida Pereira, Iacyr Anderson Freitas e Fernando Fiorese, iniciaram suas carreiras nessas iniciativas artesanais. "Havia um inimigo comum: a ditadura. E era ela quem reunia as pessoas. O fim do regime extermina a relação coletiva", afirma Gilvan Procópio. Eventos como Domingo no Campus (década de 80) e Som Aberto (de 1974) revelavam a cultura como manifesto, como uma forma simples de agregar pessoas, ideologias e lutas. Uma forma de unificar o homem.

MM

INVESTIMENTO AMBIENTE HISTÓRICO

Oitenta e dois anos e quatro meses. De 1929 até hoje, o tempo garantiu ao Cine-Theatro Central uma vasta coletânea de manifestações que o transformaram – ao lado do valor histórico que o prédio adquiriu – em símbolo cultural da cidade. Imponências à parte, este passado também é responsável pela deterioração de alguns pontos na estrutura do teatro que exigem ser reformados.

A última grande restauração pela qual o Cine-Theatro Central passou foi realizada em 1996, quando a UFJF propôs a reestruturação do espaço, logo após a compra e a incorporação do imóvel ao seu patrimônio. Nesta intervenção, alguns pontos do teatro não foram contemplados com melhorias, como é o caso dos 21 sanitários de que o Central dispõe e que, devido às marcas do tempo, não oferecem conforto ao público do teatro.

Orçada em R$ 400 mil, a reforma dos sanitários e dos camarins compromete-se a recuperar os espaços que foram descaracterizados por alterações anteriores. "Muitos sanitários estavam quebrados e deteriorados, com instalações muito precárias, que não ofereciam um mínimo de conforto. Além disso, não há banheiros adaptados, o que hoje é uma necessidade indispensável para as normas de acessibilidade", indica Rogério Mascarenhas, arquiteto responsável pelos projetos de reforma.

Todas as intervenções pelas quais o Central – tombado nos âmbitos municipal e nacional – passa desde junho foram submetidas ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que analisou a viabilidade e autorizou todos os trabalhos. Preocupados em preservar a identidade visual do Cine-Theatro, os projetos arquitetônicos para os novos camarins e sanitários preveem a utilização de materiais que já estão presentes em seu espaço histórico.

Conservar as características originais do teatro implica utilizar ladrilhos hidráulicos nos pisos e nas paredes, além de manter, por exemplo, os mictórios de época. Bancadas em granito vermelho e louças em estilo "retrô" *conversam* com o restante da decoração e dão maior funcionalidade aos sanitários. "O intuito é adequá-los a um ambiente histórico e manter a coerência do espaço do Cine-Theatro Central como um todo", conclui Mascarenhas.

A reforma da parte hidráulica substitui as torneiras antigas por novas, ecológicas, visando às práticas de sustentabilidade. A iluminação, antes precária, também foi revista e será reforçada – embutida em fundo de gesso, que não existe atualmente. Ao final das intervenções, camarins e sanitários obsoletos caminham para uma ambiência mais histórica e espaçosa, que respeita a preservação da memória.

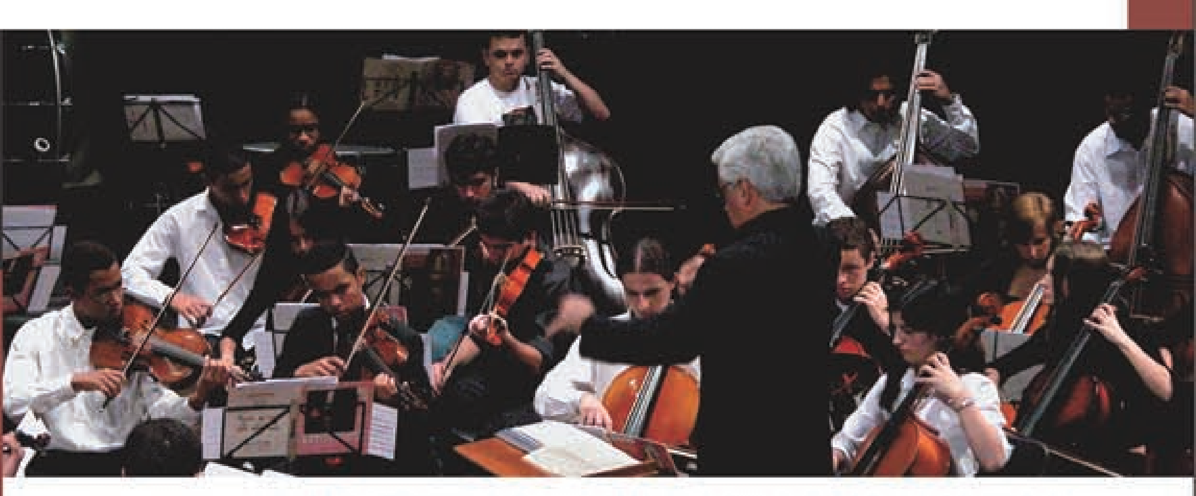
A programação artística do Central não será interrompida. O teatro não receberá pedido algum de reserva até o dia 15 de novembro (data prevista para o término da reforma), mas cumpre com todos os compromissos assumidos até o final do ano, inclusive os espetáculos selecionados pelo Projeto Sérgio Lessa em 2011.

PATRIMÔNIO AFETIVO

Cerca de R$ 1 milhão já foi investido desde 2009 nos sistemas de som e iluminação do Central, bem como na recuperação da instalação elétrica e na modernização da cenotécnica, com a substituição das varas manuais por elétricas. Para o reitor Henrique Duque, o Central é uma construção indissociável do imaginário afetivo de Juiz de Fora e, por isso, "é fundamental que, sendo respeitadas as observações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a UFJF possa fazer as intervenções necessárias sem ferir as características originais".

Gabriel Miranda

AGENDA



CINE-THEATRO CENTRAL
Praça João Pessoa, s/nº.
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufjf.br

02 e 03.07, 21h e 19h *A gaiola das loucas*
08.07, 19h Afrolata, Projeto Sérgio Lessa
16.07, 21h *Sem censura*, Sérgio Mallandro
17 a 30.07, *22º Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga*

**MAMM
MUSEU DE ARTE MURILO MENDES**
Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229-9070
www.ufjf.br/mamm
Terça a sexta: 10h às 18h
Sábados e domingos: 13h às 18h

EXPOSIÇÕES

Retratos de Murilo Mendes
Galeria Convergência

Percepções do poeta Murilo Mendes criadas por seus amigos e reunidas em homenagem aos 110 anos do nascimento do escritor

Convergências poéticas
Galeria Retratos-relâmpago

Reflexo de Murilo em sua busca pelo conhecimento, a pesquisa de Renato Bressan propõe uma mostra multimídia e interativa

Os mistérios da paleta, Jorge Guinle
Galeria Poliedro

A inquietação de Guinle foi responsável pelo amplo repertório que o artista apresenta e que ilustra as obras criadas com diversas técnicas sobre o papel

DIÁLOGOS ABERTOS

12.07, 19h Paulo César Magella

MUSICAMAMM

14.07, 20h *Acorde Natural*, 3, 2, único
22.07, 18h *Anna Clara Gurjão*

FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA COLONIAL BRASILEIRA E MÚSICA ANTIGA

26, 27, 28 e 29.07, 08h e 14h *Audições*

FESTIVAL CONCERTO DO PASSADO E DO PRESENTE

Como uma bela sinfonia, o Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga chega à 22ª edição confirmando sua importância no cenário erudito brasileiro. Esquentando a cidade num período de baixíssimas temperaturas, o festival, que acontece entre os dias 17 e 30 de julho, reúne grande público em diversos espaços de Juiz de Fora e cidades próximas. "Dar oportunidade ao público em geral de ter contato com a música erudita é sensibilizá-lo, transformar um panorama oriundo de uma ideia errônea e equivocada de que a música erudita é para poucos e de difícil acesso", analisa Luís Otávio Santos, diretor artístico do festival.

Ao longo de mais de duas décadas, o evento lançou 19 CDs e um DVD, permitindo a repercussão internacional de concertos importantes e contribuindo com a memória da música nacional. Na área da pesquisa, já resultou em oito livros de estudos musicológicos de grande importância na trajetória do festival, numa iniciativa pioneira de resgate dos sons do passado brasileiro. "A música colonial é um patrimônio da humanidade, expressa o ser humano de forma profunda. Além disso, o fato de estar em Minas Gerais faz com que o festival contribua de forma muito grande para a identidade cultural do estado", avalia o violinista barroco André Cavazotti, professor e pesquisador da UFMG, integrante há sete anos da Orquestra Barroca do Festival.

Tamanha tradição rendeu ao evento o título de Patrimônio Imaterial de Juiz de Fora, além do Troféu Guarany, na nona edição do Prêmio Carlos Gomes. Do Ministério da Cultura, recebeu o prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, concedido anualmente como reconhecimento às ações de proteção, preservação e divulgação do patrimônio cultural brasileiro. "O Festival representa o triunfo de uma proposta, que se manteve inalterada desde o início e que, justamente por isso, teve chance de amadurecer e crescer. É um exemplo de perseverança e solidez de conceitos e ações num país infelizmente de ações culturais efêmeras e de fôlego curto", avalia Luís Otávio.

Ponto de encontro entre artistas e pesquisadores, o evento também é atração para estudantes, visto o grande leque de cursos oferecidos, do oboé barroco às práticas de transcrição e edição de documentos antigos. "Num país em que os apoios são tão esporádicos, sustentá-los é uma grande vitória. O Pró-Música contribuiu e ainda contribui muito para a formação musical de muitos estudantes ao redor do Brasil. E é um dos poucos momentos, no país, em que paramos para ouvir artistas internacionais", destaca Cavazotti, que, inspirado no festival juiz-forano, criou a Semana de Música Antiga da UFMG, em sua terceira edição.

Abrindo a 22ª edição, no Cine-Theatro Central, o renomado Duo Assad, considerado pela crítica internacional como o maior duo de violões clássico do mundo, será a grande atração. O concerto da Orquestra Barroca do Festival promete peças nunca executadas no Brasil. E, numa proposta de popularizar o festival, o grupo mineiro Uakti de música instrumental dará o tempero excêntrico a um evento que percebe que toda boa sinfonia é fruto do olhar apurado e do zelo com sua história.

INCORPORAÇÃO LEGADO CULTURAL

A incorporação do patrimônio do Centro Cultural Pró-Música à Universidade Federal de Juiz de Fora, oficializada em 9 de junho no Museu de Arte Murilo Mendes, representa a inscrição de mais um capítulo na história cultural da cidade. O reitor da UFJF, Henrique Duque, comparou a incorporação a um revezamento no qual o Centro Cultural passa seu legado a outra instituição, que assume o compromisso de dar continuidade ao idealismo da família Sousa Santos. "A partir da doação de todo o patrimônio do Centro Cultural Pró-Música, nasce uma nova realidade para a música erudita e para os diversos campos de atuação cultural", declarou.

A presidente do Pró-Música, Maria Isabel de Sousa Santos, afirmou que um ciclo se fecha com a incorporação da instituição que criou ao lado de seu marido, Hermínio de Sousa Santos. O objetivo de popularizar a música clássica e de mostrar que as fronteiras econômicas e sociais poderiam ser quebradas foi cumprido com trabalho e dedicação. Segundo ela, a crença na arte foi o combustível que levou a família a projetar Juiz de Fora para o mundo, através da música. "Tenho a convicção de que as atividades desenvolvidas pela nossa instituição manterão o nível de qualidade praticado nestes 40 anos de existência. Mais do que isso, enxergo o natural e inevitável crescimento dos trabalhos aqui desenvolvidos."

Neta de Maria Isabel e Hermínio, Maria Carolina Santos Ferrarezi, professora de violino na Escola de Artes da instituição, entende a incorporação do Pró-Música à UFJF como uma forma de dar continuidade ao trabalho desenvolvido pelos avós há tanto tempo. "Estudei violino no Pró-Música e agora leciono no mesmo lugar. Tudo continua... é uma forma de eternizar a obra deles", avalia a professora, que ensina o instrumento há quatro anos.

Com o objetivo de incorporar o Pró-Música como Órgão Suplementar da Reitoria, foi criada uma comissão formada por representantes da UFJF, do Centro Cultural e do Ministério da Educação para promover um estudo do projeto. Conselheira-relatora do processo de incorporação, Diva Chaves Sarmento lembrou que, desde sua criação, o Pró-Música tem atuado de forma determinada na difusão da arte e, em parecer entregue ao Conselho Superior da Universidade, oficializou: "Os estudos realizados pelas comissões designadas para analisar a proposta de incorporação do Pró-Música à UFJF permitem perceber a sinergia entre os propósitos das duas instituições no que concerne à promoção e divulgação da cultura da região. Entende-se que o acervo e a experiência acumulada pelo Pró-Música podem ampliar os campos de ação da Universidade nas áreas da pesquisa, do ensino e da extensão".

BR

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA Reitor Henrique Duque de Miranda Chaves Filho Vice-reitor José Luiz Rezende Pereira
PRÓ-REITORIA DE CULTURA Pró-reitor José Alberto Pinho Neves

PALCO, órgão informativo da Pró-reitoria de Cultura. Jornalista responsável Katia Dias Produção e reportagem Gabriel Miranda Edição Izaura Rocha Diagramação Ligia Lacerda Revisão Darlan Lula Fotografia Alexandre Dornelas Bolsistas Bárbara Ribeiro (BR), Bruno Fonseca, Lucília Bortone (LB), Mauro Morais (MM) Colaboração Carlos Alberto Ribeiro De Xavier www.ufjf.br/procult